

## ATIVIDADES OPERACIONAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Adriana da Silva Nonato<sup>1</sup>  
Helena Aparecida de Faria<sup>2</sup>  
Jeane Laura de Almeida Flores<sup>3</sup>  
Lucilene Cruz de Souza Oliveira<sup>4</sup>  
Raianne Bruna da Silva Rocha<sup>5</sup>  
Rosinéia Pereira Barcelos Avelar<sup>6</sup>

**RESUMO:** Este artigo parte da resposta ao seguinte questionamento: Qual a importância das atividades funcionais na educação infantil? O objetivo, desenvolvido a partir da experiência da prática do currículo obrigatório orientado da educação infantil, é evidenciar a união entre teoria e prática. Orientados pela perspectiva histórico-cultural da abordagem de pesquisa qualitativa, nossa pesquisa se concentra em explicar o desenvolvimento da criança segundo Vygotsky, destacando os pontos-chave do desenvolvimento, e apresentamos o papel do professor perante esta corrente teórica e, por fim apresentamos a resposta a questão proposta.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento Infantil. Atividades Operacionais. Educação Infantil.

**ABSTRACT:** This article starts from the answer to the following question: What is the importance of functional activities in early childhood education? The objective, developed from the experience of practicing the compulsory curriculum oriented to early childhood education, is to highlight the union between theory and practice. Guided by the historical-cultural perspective of the qualitative research approach, our research focuses on explaining child development according to Vygotsky, highlighting the key points of development, and we present the role of the teacher in this theoretical current and, finally, we present the answer the proposed question.

**Keywords:** Child Development. Operational Activities. Child Education.

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia para a Educação Infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduada em Direito pela Universidade de Cuiabá – UNIC. Especialista em Educação Infantil e Alfabetização pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande – FIAVEC.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade de Cuiabá - UNIC. Especialista em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Afirmativo.

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande – FIAVEC. Especialista em Educação Infantil pelo Instituto de Ensino Superior de Minas Gerais – IESMIG.

<sup>4</sup> Graduada em Pedagogia para Educação Infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Especialista em Educação Infantil pela Faculdade INVEST de Ciências e Tecnologia.

<sup>5</sup> Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário – UNICESUMAR. Especialista em Educação Infantil pela Universidade Norte do Paraná - Unopar.

<sup>6</sup> Graduada em Pedagogia para Educação Infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Especialista em Educação Infantil e Especial pelas Faculdades das Águas Emendadas – FAE.

## 1. INTRODUÇÃO

A Educação Infantil é a etapa inicial da educação básica sendo de extrema importância para o desenvolvimento das habilidades que possibilitarão a compreensão e interiorização do mundo humano pela criança, neste sentido é essencial trabalhar atividades operacionais, pois é a partir da interação com o meio, determinado por um ato intencional e dirigido do professor que a criança aprende (VYGOTSKY, 1998). O presente artigo tem por objetivo evidenciar esta importância, a partir de um estudo como estas atividades mediam o conhecimento à criança.

O mesmo pretende refletir sobre a importância das atividades operacionais na Educação Infantil. O trabalho tem, como objetivo responder a seguinte questão: Qual a importância das atividades operacionais na Educação Infantil? Destacamos já que entendemos estas atividades como cruciais para o desenvolvimento da criança pequena, apoiados em uma perspectiva histórico cultural do desenvolvimento.

## 2. DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento infantil está pautado na interação com o meio, segundo Vygotsky a criança aprende e depois se desenvolve, deste modo, o desenvolvimento de um ser humano se dá pela aquisição/aprendizagem de tudo aquilo que o ser humano construiu socialmente ao longo da história da humanidade.

Ao se tratar de escola, estamos em um âmbito mais aprofundado, pois para além de transmitir o conhecimento acumulado, este processo deve ocorrer de modo organizado, assim sendo, todas as ações realizadas pela escola e seus profissionais devem ser pensadas, refletidas, discutidas e planejadas, pois todas as ações devem ter intencionalidade e finalidade.

Na Educação Infantil este processo não pode ser diferente, pois o período dos 0 ao 5 anos que fará mais diferença no futuro, sendo a base para o desenvolvimento posterior. Deste modo, destacamos a importância da escola como local para além dos cuidados na Educação Infantil, porque é nele que a criança deve se envolver, interagir e agir com o meio, com o outro e com si mesma para apreender o mundo que a cerca e ir além apreendendo para além da imagem, mas também os significados por trás delas.

Advogamos o princípio segundo o qual a escola, independentemente da faixa etária que atenda, cumpra a função de transmitir 294 conhecimentos, isto é, de ensinar como locus privilegiado de socialização para além das esferas cotidianas e dos limites inerentes à cultura do senso comum (MARTINS, 2009, p. 94).

A escola de Educação Infantil não pode se isentar do ato intencional de educar, presando apenas pelo cuidar, devendo assim haver um equilíbrio entre o cuidar e o educar para que as crianças possam aprender e desenvolver todas as suas possibilidades e habilidades da forma mais integral possível.

De acordo com a periodização feita por Abrantes (2012) a teoria histórico cultural pode ser dividida em épocas, Primeira Infância (0 a 3 anos), Infância (3 a 10 anos) e Adolescência (10 a 17 anos) e períodos, Primeiro Ano (0 a 1 ano), Primeira Infância (1 a 3 anos), Idade Pré-Escolar (3 a 6 anos), Idade Escolar (6 a 10 anos), Adolescência Inicial (10 a 14 anos) e Adolescência (14 a 17 anos).

A transição entre os períodos se dá por meio de crises e a atividade dominante em cada período é respectivamente: Comunicação Emocional Direta, Atividade Objetal Manipulatória, Jogo de Papéis, Atividade de Estudo, Comunicação Íntima Pessoal e Atividade Profissional Estudo. Como já dito neste trabalho trataremos das crianças de um a três anos de vida, ou seja, a Primeira Infância e/ou Atividade Objetal Manipulatória.

O período da Primeira infância e/ou Atividade Objetal Manipulatória é entendido como essencial para a criança. É neste momento que a criança desenvolverá características, habilidades e aptidões. Essas transformações quantitativas e qualitativas são consideradas fundamentais para o desenvolvimento da criança persistindo ao longo de toda sua vida adulta.

## 2.1. Os aspectos Psicológicos do Desenvolvimento

Ao adquirir controle de seus movimentos no que se diz respeito ao andar sozinha a criança começa, então, a aperfeiçoar o grau de dificuldade desses caminhar, seja pisando em algum objeto, seja andando para trás ou mesmo um degrau, sente como a um desafio a alcançar diante desses estímulos difíceis.

A capacidade de caminhar independente da ajuda de um adulto proporciona à criança um novo panorama do mundo exterior, ampliando a compreensão dos objetos a sua volta, bem como sua manipulação, uma vez que estes eram “limitados” pelos pais. A criança se dá

conta de que há a existência de obstáculos em seu trajeto e que precisa captar maneiras de evitá-los. O caminhar dá autonomia à criança.

## 2.2. Desenvolvimento Afetivo, Visual, Tátil, Auditivo e Motor

A criança no início da primeira infância é dependente da mãe, as proibições e limites impostos pela mesma geram na criança uma reação de oposição, pois esta não entende e não aceita, gerando uma dualidade de amor e ódio.

Quando existe uma aprovação por parte do adulto em relação ao que a criança faz, ela se sente satisfeita e motivada a fazer as coisas novas. Santos (1999) argumenta que embora a criança não entenda as atitudes, deve passar por situações de satisfação e sofrimento, para que descubra que tipo de ações podem satisfazer a ela e ao adulto.

Santos (1999) ainda diz que a criança deve desenvolver o autoconceito, pois já se vê separada das pessoas e, já entende que o adulto “vai e vota”, que os objetos vão continuar no mesmo lugar, ainda que ela não os veja, é necessário ver a si mesmo como algo contínuo no tempo e espaço.

A partir dos dois anos a criança torna-se mais independente e autoconfiante, porém é egocêntrica, cabe nesse momento o adulto ensinar a criança a “perceber” a outra, por exemplo, em atividades cooperativas.

A visão, o tato e a audição são os meios pelos quais a criança descobre o mundo, sendo que nesta fase ela não tem medo de ver, ouvir e sentir. Esses sentidos possibilitam a criança a perceber as coisas (tamanho, forma e cor) que fazem parte do meio, o tato permite que a criança sinta diferentes texturas, agradáveis ou não. A criança nesta fase escuta tudo e se distrai de modo fácil, quanto a sons em alto volume, a criança pode se assustar.

Aos dois anos de idade a criança possui os músculos do corpo e o controle motor mais aprimorado, tendo mais facilidade para modelar massinha e rabiscar com giz. Estas situações são de demasiada importância para o desenvolvimento visual e tátil.

Nesta idade a criança está no mundo dos sons, o papel do adulto neste momento é de estimular o desenvolvimento dos sentidos para que a criança possa ter uma expressão própria.

Em suma, desenvolvimento se produz por meio de aprendizagens e esse é o pressuposto vigotskiano, segundo o qual o bom ensino, presente em processos interpessoais, deve se antecipar ao desenvolvimento para poder conduzi-lo. Portanto não há que se esperar desenvolvimento para que se ensine; há que se ensinar para que haja desenvolvimento (MARTINS, 2009, p. 100).

Contudo, faz-se necessário compreender como se dá o desenvolvimento infantil no período da Primeira Infância compreendido do 1 ano aos 3 anos de vida da criança, no qual se desenvolve a Atividade Objetal Manipulatória.

### 2.3. Atividade Objetal Manipulatória

No primeiro ano de vida, a criança realiza manipulações dos objetos de maneira externa a eles, com a primeira infância, ela passa a ressignificar a utilização desses objetos, deixando de serem simples “coisas” a detentores de uma função específica, segundo a própria função social deste objeto.

É na primeira infância que se constrói a passagem para a atividade objetal, atividade principal do período, na qual o adulto assume o papel de colaborar nesse processo, pois a exemplo de uma colher, ela poderá batê-la, jogá-la ao chão e, mesmo assim, não descobrir sua função, a menos que o adulto intervenha e lhe demonstre sua finalidade.

1417

A assimilação da criança pelos objetos em relação ao seu destino difere dos animais, como por exemplo, do macaco que ao sentir sede, irá beber água na xícara, no balde, no chão, não se depreendendo ao fato de que a xícara é utilizada para beber algo, se ela estiver vazia vai utiliza-la para várias coisas também. A criança, portanto assimila o significado permanente do objeto. Mukhina (1995) discorre que o destino que a sociedade conferiu ao objeto e não varia por necessidade de momento.

Porém, isso não garante que a criança deixará de dar outras funções a este objeto se não o que lhe é fixado pelo social, mas a importância está na questão de ela saber e conhecer a verdadeira função deste objeto, independentemente de seu uso “indevido”.

A relação entre ação e objeto apresenta três fases de desenvolvimento: na primeira fase a criança realiza qualquer função que ela domina com o objeto; na segunda fase, a criança manuseia o objeto a partir da real função a que se atribui ao objeto e, na terceira fase, tem reminiscência na primeira fase, porém a criança dominando a real função do objeto, o utiliza para “outros fins”, fora o “original”.

Através da assimilação da atividade objetal realizada pela criança de modo a condizer às regras de comportamento social é o que faz mudar a conduta da criança quando realiza uma atividade de manipulação objetal.

É importante para o desenvolvimento psíquico da criança que o uso dos objetos aconteça para manter o mesmo sentido em empregos diferentes, ou seja, unívoco, uma vez que nem todas as ações que a criança assimila têm o mesmo valor no seu progresso psíquico, as ações contêm particularidades, a exemplo dos brinquedos, roupas, móveis e louças. Existem de fato diferentes formas de utilizar os objetos, as formas que mais exigem exercitação da psique são as que mais contribuem para que o psiquismo se desenvolva.

As ações mais importantes que a criança assimila na primeira infância são as correlativas e as instrumentais. As ações correlativas aquelas nas quais se estabelece uma relação comum entre determinados objetos, fazendo-as recíprocas espacialmente falando, o que faz a criança levar em consideração as propriedades dos objetos, conferindo-lhe respeito a estas propriedades, dando sentido à atividade desenvolvida através do objeto. Estas ações são presentes na primeira infância, o que não ocorre com a devida “consciência” no primeiro ano de vida, antes de completar um ano. Tais ações são reguladas pelo resultado obtido, que somente é atingido pela contribuição e intervenção do adulto que aponta os erros, norteia como agir, a fim de corrigir com a finalidade do resultado correto.

1418

As ações instrumentais são aquelas nas quais se utilizam de instrumentos e /ou ferramentas para agir sobre outro objeto. Ainda enfatizando a colaboração do adulto na apropriação destes objetos, a ideia é de que o adulto ofereça meios – instrumentos – que colaborem para que a criança se aproprie e assimile o uso do objeto, como por exemplo, a colher, nela está presente o traço que a caracteriza como ferramenta, torna-se um instrumento para que ocorra a alimentação da criança e, que se faz, portanto, uma “intermediadora” entre a mão da criança e o alimento. Deste modo, acontece a sujeição, a reconversão dos movimentos da mão da criança à forma do instrumento.

A assimilação das ações instrumentais não acontece imediatamente, existem etapas, sendo que a primeira, tendo o instrumento como continuação da própria mão, suas ações, portanto são manuais ainda; a segunda etapa a criança se prende para a relação instrumento e objeto sob o qual incide a ação, quanto ao êxito, só será alcançado eventualmente; a terceira fase é obtida quando a mão se adapta às propriedades do instrumento, originando as ações

instrumentais de fato. Estas que são dominadas na primeira infância, estão em contínuo desenvolvimento no decorrer do tempo, não é acabado. Sua importância está na assimilação do uso dos instrumentos de maneira correta, exata. Os quais se configuram como princípios básicos da atividade humana, possibilitando à criança a autonomia no uso dos objetos.

#### **2.4. Aparecimento de Novos Tipos de Atividades na Primeira Infância**

No final da primeira infância surgem novas formas de atividade, são o jogo e as formas produtivas de ação. No jogo é importante ressaltar que não há relação com o jogo dos filhotes de animais, que são instintivos, ao contrário, as crianças reproduzem o conteúdo de seus jogos a partir da sua percepção do contato com o adulto.

Primitivamente não havia separação entre jogo e trabalho, a criança assimila na prática a forma de obter sustento. Como necessidade social ao passar do tempo, as formas de produção e instrumentos de trabalho deixaram de estar ao alcance da criança, passando a ser construídas para a mesmas ferramentas reduzidas, tendo como característica uma sociedade preocupada com uma infância preparada para inserir-se no trabalho. Através dos jogos-exercícios, sob a supervisão do adulto, surge o brinquedo figurativo, momento em que há a separação da criança com as relações sociais, que por sua vez surge o jogo dramático, no qual a criança passa a reproduzir traços da sociedade adulta e suas relações sociais, formando comunidades infantis de representação lúdica, por meio do jogo dramático a criança satisfaz a necessidade de estar inserida no “mundo adulto”, que ocorre por meio dos brinquedos.

Os jogos iniciais a princípio representam atitudes das crianças sob suas visões do adulto de maneira que elas não reproduzem suas vivências reais, mas sim, imitando o adulto, tal como eles fazem com uma criança, somente mais tarde ocorrerá pela primeira vez jogos com recriações do real. E assim, sucessivamente a criança vai progredindo na assimilação das ações praticadas, utilizando-se de vários tipos de objetos substituindo outros que não possui, ainda não dando nome lúdico, após isto, nomeia os objetos de acordo com o papel que desempenha no jogo, compreende a significância do objeto dentro do jogo e gradativamente vai se criando as premissas para o jogo com papéis.

Este desenvolvimento é necessário para a atividade representativa, por meio do desenho, sendo a representação de determinado objeto. Caracterizada desde a garatuja com marcas, traços desordenados, linhas retas, curvas sem representação alguma que adentram

na prévia representação para a imagem, dividida em duas fases: na qual a criança reconhece o objeto numa combinação casual de traços e a outra intencionalmente a criança reconhece o que desenhou. A atividade representativa só aparecerá quando a criança verbaliza o que deseja desenhar. É de demasiada importância, a saber, que a criança aprende a desenhar, não apenas aperfeiçoando-se, praticando, mas também e valiosamente, pela influência do adulto que lhe propiciará subsídios para que se formem imagens gráficas nas linhas por ela traçada.

## **2.5. Desenvolvimento da Percepção e das Noções acerca das Propriedades dos Objetos**

A criança adquire ações visuais através da manipulação dos objetos estabelecendo assim, propriedades dos objetos. Para que a criança perceba os objetos de forma mais completa deverão ser oferecidas novas ações de percepção, que surgem ao assimilar a atividade objetual, contudo com as ações correlativas e instrumentais. Existem as ações orientadoras externas que permitem a criança alcançar um resultado prática por meio do contato, da tentativa diante de uma situação, tais ações conduzem-nas ao conhecimento das propriedades do objeto.

Comparando-se as propriedades dos objetos é possível que a criança correlacione visualmente as propriedades dos objetos, convertendo-a em modelo para determinar as propriedades de outros objetos, formando um novo tipo de concepção.

1420

## **CONCLUSÃO**

A teoria de Vygotsky (1998), tenta compreender a relação entre linguagem, desenvolvimento e aprendizagem no contexto de um processo histórico-cultural e interação social, vemos a aprendizagem como um processo profundamente social, onde também é um processo dialético complexo, onde o desenvolvimento não é linear.

Aprendizagem e desenvolvimento estão interligados desde o nascimento de uma criança até as ações intelectuais resultantes de práticas sociais nas quais o indivíduo se torna humano, abarcando a humanidade historicamente criada.

Vygotsky (1998) também recomenda estudar o conhecimento da criança e estudar suas outras habilidades, que não estão diretamente relacionadas ao seu conhecimento, mas que têm um papel importante em seu desenvolvimento.



Assim, chamamos a atenção para os problemas do aprendizado e o valorizamos seriamente. A tarefa do ensino é produzir algo fundamentalmente novo para o desenvolvimento da criança no quadro de conteúdos funcionais que permitem a aprendizagem indireta, mas são essenciais para o desenvolvimento da criança.

Na primeira infância a atividade de manipulação de objetos é um período crucial em que a mediação é muito importante para garantir o aprendizado e o desenvolvimento da criança. Nesse momento da vida, a criança começa a desenvolver uma psicologia organizada, pois com o auxílio da fala, além de construir o pensamento, pode começar a compreender o mundo e se relacionar melhor com ele.

Durante esse período, os sentidos, as habilidades motoras e a psique da criança também são desenvolvidas por meio do cuidado. A atividade Objetal Manipulatória refere-se ao início do processo em que a criança primeiro simplesmente explora o objeto, depois aprende a usá-lo de acordo com a função para a qual a sociedade o criou e, finalmente, usa o objeto simulando-o, através da imaginação, nessa fase a criança além de já ter aprendido a função do objeto, ainda o utiliza de forma criativa.

Por isso entendemos o professor como determinante do desenvolvimento da criança, pois é justamente por meio do cuidado, sistematização e orientação que a criança adquire conhecimentos socialmente construídos ao longo de toda a história.

## REFERÊNCIAS

MUKHINA, Valéria. **Psicologia da idade pré-escolar**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARTINS, Lígia Márcia. **O Ensino e o Desenvolvimento da Criança de Zero a Três Anos**. In: ARCE, Alessandra; MARTINS, Lígia Márcia (orgs). *Ensinando aos pequenos de zero a três anos*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2009.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **Brinquedo e Infância: um guia para pais e educadores em creche**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.